

## Os efeitos de sentidos nas capas dos livros infantojuvenis - fios entrelaçados pelo título e pela ilustração

*The senses effects on book cover to children and young people - Twisted wire by the title and illustration*

Nilvani Rodrigues Cabral<sup>1</sup>

Renan Mateus Rodrigues Cabral<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo, pretendemos mostrar como as linguagens verbal e visual potencializam o imaginário nas capas dos livros, entretanto focalizaremos apenas os projetos gráficos em que o autor Daniel da Rocha Leite e o ilustrador Maciste Costa são parceiros. O artigo em questão é um recorte de uma pesquisa de Mestrado sobre a obra *A menina árvore* do autor Daniel da Rocha Leite e ilustrado pelo artista plástico Maciste Costa. Supomos que essa potencialização seja realizada pela colaboração da ilustração em relação ao título e reforçado com o texto verbal da obra. O objetivo é identificar e analisar os efeitos de sentidos das imagens e do título das obras na construção do imaginário e a forma que se relacionam. A análise possui uma natureza básica utilizando fontes bibliográficas e abordagem qualitativa. Para possibilitar a realização do estudo, utilizamos os teóricos Coelho (2000), Colomer (2017), Cândido (2000), Yunes e Pondé (1988) focando em teorias e conceitos na área da Literatura infantojuvenil. Andruetto (2021), Jesualdo Sosa (1985), Perrotti (1986), Bachelard (2019), Durand (1997) e na análise referente ao imaginário e compreensão literária. Ramos (2011), Linden (2018), Salisbury e Styles (2013), Oliveira (2008), Aumont (2002) e Dondis (1997) construindo a análise teórica a respeito da imagem. A relação de fios entrelaçados entre texto verbal e visual, está presente nas capas dos livros em que tivemos Leite como escritor e Costa como ilustrador. A intenção é demonstrar a conexão literária que há entre os dois artistas por meio das linguagens verbal e visual presente na capa das obras. Toda a materialidade do livro, iniciando pela capa (cor, título, ilustração, tamanho, formato) colaboram para a polissemia da criação do imaginário de uma narrativa infantojuvenil.

**Palavras-chave:** ilustração; título; Leite; Costa; imaginário.

**Abstract:** In this article, we pretend show how verbal language and visual amplify the imaginary in book covers, however we will focus just on graphic projects how author Daniel da Rocha Leite and illustrator Maciste Costa are partness. The article in issue is an clipping na research Masters Degree about an book *A Menina Árvore* of author Daniel da Rocha Leite and Illustrator for visual artist Maciste Costa. We supposed of this amplify being realizer for illustration in relation on tittle and reinforced with verbal text of book. The objective is identify and analyze effects of images experienced and book tittle on construction imaginary and way whose connect. The analyze had an primary character using bibiographical sources and qualitative approach. For enable accomplishment on study, we using theorists Coelho (2000), Colomer (2017), Cândido (2000), Yunes and Pondé (1988) focus on theories and concept on Youth Literature field. Andruetto (2021), Jesualdo Sosa

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR; E-mail: [nilvanicabral@gmail.com](mailto:nilvanicabral@gmail.com) ; ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7069-0092> .

<sup>2</sup> Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB; [rmrcariq@gmail.com](mailto:rmrcariq@gmail.com) ; ORCID - <https://orcid.org/0009-0000-7150-8539> .

(1985), Perrotti (1986), Bachelard (2019), Durand (1997) and an analyzed regarding on imaginary and literary knowledge. Ramos (2011), Linden (2018), Salisbury and Styles (2013), Oliveira (2008), Aumont (2002) and Dondis (1997) construting theoretical ground in image respect. The relation on wires in the cable between verbal text and visual, is present on book covers whose we have Leite by writer and Costa by illustrator. The purpose is proves literature conecion wich have in two artists by means of verbal language and visual laguage presente on book covers. All materialism on book, started on book cover (colour, tittle, illustration, size, format) contribute for polysemy creation time on imaginary of Youth literature.

**Keywords:** illustration; title; Leite; Costa; imaginary.

## 1 Capa de um livro - a introdução do olhar

Um dos primeiros contatos do ser humano com o mundo é por meio da visão, e quando criança, esse sentido é muito mais apurado, sendo assim, justifica-se o fato dos livros de literatura infantil serem repletos de imagens. Ler imagens é um aprendizado que necessita de prática, como qualquer outro tipo de linguagem. A magia da literatura é desveladora de mundos, permite que o leitor possa descobrir novos espaços, novos imaginários, humanizar-se com os mundos criados e recriados. Oliveira (2008, p. 35) esclarece que a arte de ilustrar “[...] é uma comunicação humana entre homens, portanto perfeitamente compreensível e decodificável”, para que isso aconteça deve compreender e pesquisar os signos que permeiam ao mundo da ilustração.

Nos estudos sobre o olhar da imagem temos contato com a percepção visual que evidencia manifestações próximas da consciência, ou mais afastadas do inconsciente, essa relação do consciente e inconsciente estabelece a construção do imaginoso selecionado pelo olhar “[...] o olhar é o que define a intencionalidade e a finalidade da visão. É a dimensão propriamente humana da visão.” (AUMONT, 2002. p. 59).

A habilidade do olhar tem muita relação com a literatura infantil e juvenil pela forma de endereçamento e objetivo da obra literária, sendo assim, todo e qualquer elemento que compõe o livro traz significações, e a linguagem verbal e visual têm muita relação na busca de aprendizado relacionando essas duas formas de comunicação, o que embasa a escolha da obra para análise e sua focalização.

Apesar de sempre ouvirmos “não julgue o livro pela capa” a maioria das vezes, principalmente quando vamos comprar livros para crianças, é isso que fazemos. Inicialmente observamos a capa e/ou o título. Se já conhecermos o título do livro e tivermos contato com

dois exemplares de capas diferentes, nós escolhemos a obra pela capa. Esse contexto se aplica à pesquisa propondo observações e comparações nos trabalhos dos dois artistas, sendo assim, o assunto desse artigo se atém a capas dos livros infantis, e para aprofundar mais essa questão, atemo-nos à análise de capas das obras em que o autor Daniel da Rocha Leite, e o ilustrador Maciste Costa, fizeram uma “dobradinha” em todas elas, realizamos essa benfeitoria no intuito de ressaltar, entre esses dois artistas, aspectos relevantes e que despertem a atenção do leitor, e, por conseguinte despertem interesse no leitor.

Ciça Fittipaldi, em seu texto, O que é uma imagem narrativa, presente na obra Com a palavra o Ilustrador, traz uma lembrança de seu contato com o livro ilustrado e com as narrativas que merece ser compartilhado aqui. Ela ressalta que o movimento sugerido pela imagem “era um convite de entrada para outra realidade, ou melhor, outro estado de realidade, onde se podia transitar nas fronteiras, curvas e dobras do real e do imaginário” (p. 94, 2008), com efeito, assim também se dá a eficácia da capa do livro, é a capa que efetivamente faz o convite a conhecer a história e adentrar nesse novo mundo em que transitamos entre o real e o imaginário. A hipótese em questão é de que a capa irá nos introduzir nesse mundo de encantamento ou não, sendo assim, a importância da capa, dos elementos que nela são apresentados, as cores, as simbologias, imaginários e sentidos abrirão um “leque” de possibilidades que serão ou não confirmados.

A metodologia aplicada para a elaboração dessa pesquisa foi de selecionar as obras em os dois artistas estavam presentes no mesmo projeto gráfico, sendo assim selecionamos as obras: A menina árvore (2014), dois exemplares diferentes da obra As crianças que plantaram um rio (2013 e 2022), dois exemplares da obra Procura-se um inventor (2010 e 2012), O menino astronauta (2012), Burburinho (2018) e Esparadrapo (2021), Em seguida foram selecionadas as obras teóricas que poderiam contribuir para a pesquisa bibliográfica e a consolidação do texto final. Por conseguinte, foram realizadas as leituras, os fichamentos e a partir de observações, pontuações e evidenciando elementos significativos do texto foi se consolidando a “costura” minuciosa do texto final. Ao final da conclusão do texto observamos que além dessa pesquisa, e dessa delimitação proposta aqui, poder-se-ia surgir várias outras, ressignificando a importância desta.

## 2 A pálpebra x capa: o “olhar” para “olhar” – fios que se entrelaçam

Podemos iniciar a análise da pesquisa estabelecendo uma relação das pálpebras dos olhos, que são justamente, uma fina camada de pele e músculos que cobrem os olhos, movimentam-se rapidamente e tem, entre outros motivos, o objetivo de proteger os olhos de luz intensa, poeira, insetos, entre outros. Ao abrir as pálpebras temos diante dos nossos olhos toda uma riqueza e diversidade de imagens, vivências, cores. As capas dos livros funcionam de forma similar, ao abrir a capa dos livros teremos diante de nossos olhos um mundo com imagens, vivências, sentidos, cores, etc. Podemos evocar a teoria de Perrotti (1986), no livro *O texto sedutor na literatura infantil*, para designar a função da capa dos livros, mesmo que, não obedeçamos, fielmente, ao sentido que Perrotti dá para o conceito de “discurso utilitário”, mas, nos apropriando da ideia enfatizada de que o discurso estético está para a literatura, sendo que o discurso que propõe mensagens, informações, evocações de conceitos, referências está para o discurso utilitário, desta maneira propomos essa função para a capa dos livros, pois ao adquirir um livro utilizamos, observamos a capa para, mesmo que inconsciente, evocarmos informações, possíveis mensagens, buscarmos referências e nos apropriarmos de conceitos que atenda o que necessitamos naquele momento, mesmo que resgatando a estética como meio de atender a colocação proposta. Parece contraditório, no entanto, afirmamos que não é.

Na obra *O texto sedutor na literatura infantil* (1986), Perrotti evidencia a “concepção utilitária da literatura em sua aproximação com o público infanto-juvenil caracterizada através de um discurso articulado em função de sua eficácia junto ao leitor” (p. 11) essa definição ocorrida nos anos 70 sofre abalo posteriormente, mas sem perder totalmente o significado. Nos apropriamos dessa definição justamente para demonstrar que muitos se utilizam, mesmo sem saber, dessa definição para a escolha de um livro de literatura infantil, ou seja, escolhem um livro, por meio da capa, acreditando conter nele a história que quer contar ou ler, ou ainda, por meio da capa e de sua estética, atribui ao livro características que, às vezes, nem tenha, e é por meio da capa que escolhe as temáticas das histórias que deseja adquirir. Posto isso, reafirmamos que a capa possui uma função utilitária, ou seja, porém, na sua maioria essa utilidade evidenciada se dá por meio da estética, atraindo o leitor.

Para esse discurso empregado pela capa do livro, os artistas não abandonam o discurso literário e estético, se apropriam dos predicativos dos três subsídios para construir a capa de

suas obras proporcionando aos leitores conhecimento sobre as obras, temáticas, antecipando desfecho e propondo reflexões com os títulos, imagens e designer das obras, essa sintonia na elaboração das capas se faz presente por meio da sintonia que os artistas possuem.

Ambos artistas são do Pará (região norte do país) e possuem um vasto acervo em literatura infantojuvenil. O autor Daniel da Rocha Leite, nascido no Rio de Janeiro, mas paraense de coração. Atualmente, mora em Belém, cidade que o acolheu e escolheu para viver. Formou-se em Direito (1989) e posteriormente em Letras com habilitação em Língua Alemã (1997), os dois cursos foram realizados na Universidade Federal do Pará, desenvolvendo concomitantemente essas duas paixões. Possui Pós-Graduação em Língua Portuguesa e Análise Literária pela Universidade do Estado do Pará e, por conseguinte, Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura, na Universidade da Amazônia. Finalizou o Doutorado em Estudos Comparatistas pela Faculdade de Letras na Universidade de Lisboa - Portugal, em 2021. Daniel da Rocha Leite exerce três ofícios: advogado, professor e escritor, esse, sendo o ofício que nos propiciou a análise em questão. Dentre as suas obras, nos contempla com diversos gêneros, como: conto, romances, narrativas, crônicas e poesias.

Seu percurso literário apresenta vários livros vistos como literatura infantil e juvenil, em 2011 foram lançados: *Flores e palavras*, *Esperança e verbo*, *Parto e porto*, no ano de 2012 surgiu o livro *Procura-se um inventor* e *O menino astronauta*; em 2013 fomos contemplados com o livro *A história das crianças que plantaram um rio*, no ano de 2014 foi a vez da nossa obra em análise *A menina árvore*, em 2015 publicou o livro *Vindos do mar*. O livro *Burburinho* foi lançado em 2018, sendo o primeiro livro do autor a ter um foco na inclusão, desta forma a edição do livro contempla os deficientes visuais com a língua em braile (sistema universal de leitura tátil e escrita). E em 2021 lançou a obra *Esparadrapo*, história que narra a inquietação da menina Beatriz pelo fato do irmão falar que ela tinha um bicho carpinteiro.

A construção da narrativa de Daniel da Rocha Leite é impregnada de poesia e subjetividade. Diversos livros de Daniel da Rocha Leite possuem vários segmentos de significação, os textos possuem contraponto, ou seja, o texto e a imagem fornecem informações alternativas que podem, de certa forma, até se contradizer, o que resulta em diferentes leituras possíveis para a mesma narrativa, por isso seus livros de literatura infantil e juvenil são classificados como livro ilustrado, em que a imagem e a linguagem apresentam

perspectivas diferentes em um mesmo momento na narrativa (SALISBURY E STYLES, 2013, p. 94).

Suas histórias possuem temas ou reflexões que causam estranheza nos leitores, a construção estética se entrelaça nas linguagens verbal e visual no decorrer da narrativa de forma sutil e sensível, desta forma surgem várias possibilidades de leituras e interpretações favorecendo a imaginação do leitor.

Maciste Costa é natural de Belém do Pará e ganhador de prêmios pela produção de livros infantis e juvenis, no ano de 2007 foi vencedor do prêmio IAP (Instituto de Artes do Pará) com o livro *Pedrinho e o peixe azul*, em 2013 com o livro *Marcelino no tempo de suas verdades*, também pelo IAP, e, em 2016, recebeu o prêmio Programa SEIVA – Edital Prêmio Literário 2016 com a obra *Alma de pássaro*, e foi vencedor do Prêmio Dalcídio Jurandir 2016. Além das obras premiadas produziu outras narrativas infantis e juvenis *A tapera*, *Seu Honorato*, *Os olhos de Matinta Pereira*, *O Igarapé encantado* e *Cor da imaginação*. Das obras produzidas por Maciste Costa, apenas o livro *Os olhos de Matinta Pereira* não foi ilustrado por ele, os ilustradores da narrativa foram Beto Menezes e Claudio Cordeiro.

Oliveira (2008) afirma que “[...] o ilustrador tem que dominar corretamente a figura humana, ter noções seguras de anatomia, dominar a representação do espaço, da perspectiva, da luz, das sombras etc.” (p. 40). Quando Maciste constrói a ilustração de suas obras, podemos perceber que possui as habilidades descritas por Oliveira: presenteia o leitor ou o observador com a sutileza dos desenhos, com o compromisso em relação à narrativa, desenvolve a sequência narrativa expressa nas imagens e transporta o leitor para esse mundo encantado.

Desta forma, o ilustrador procura conectar a linguagem visual à verbal inserindo na obra comportamentos, emoções, cultura, além de contribuir na construção de espaços, personagens e cores para atingir a compreensão complementando a linguagem verbal.

Para exemplificar essa relação de fios entrelaçados entre texto verbal e visual, voltamos a reafirmar que, traremos algumas capas de livros em que tivemos Leite como escritor e Maciste como ilustrador. A intenção é demonstrar a conexão literária que há entre os dois artistas por meio das linguagens verbal e visual, mostrar o entrelaçamento de fios narrativos que potencializam a leitura. Iniciamos com a obra *A menina árvore*.



Figura 1 - Capa do livro *A menina árvore*



Fonte: LEITE; MACISTE. (2014)

A obra aqui apresentada possui uma capa em que as letras do título estão em negrito, na cor branca e minúsculas, ‘a menina árvore’. Essa ausência da letra maiúscula pode nos indicar uma postura universal “A letra, por si só, pode traduzir um estado de ânimo, uma maneira de dizer as coisas” (LINDEN, 2018, p. 97) Tanto na imagem quanto na escrita o mesmo aspecto é reforçado, sem direcionar a uma determinada menina, essa perspectiva está tanto na narrativa, no decorrer do livro, quanto na ilustração da capa demonstrando a sintonia entre escritor e ilustrador para produção do imaginário no leitor. Há uma possibilidade de leitura em que essa menina árvore seja comum a todos os leitores, não há uma substantivação própria em que se nomeie alguém específico, deixando para o leitor que essa menina árvore seja qualquer leitor da obra. Ou seja, qualquer garota ou garoto que leia o livro pode se identificar com a menina personagem. Essa não substantivação leva o leitor analítico a se questionar sobre o uso da letra minúscula. Acima do título, aparece a menina suspensa em um galho de árvore, de costas para o leitor, olhando para a lua. A imagem da menina se apresenta de costas, sem mostrar o rosto reforçando a ideia de não substantivação, a imagem reforça o título. Numa perspectiva mais à frente, vemos dois fios repletos de passarinhos que atravessam as capas, primeira e quarta. No primeiro plano está a menina, pois está mais próxima do observador, no caso, nós leitores. No plano intermediário estão os fios repletos de

pássaros, e no terceiro e último plano está a lua. Essa técnica dá ao observador (ou leitor) a ideia de profundidade ou distância. E na quarta capa há a continuação das linhas com os pássaros, uma extensão que abraça o livro com a folha dupla, esse sangrar da imagem indica continuidade da obra, continuidade da narrativa. Além de um texto de Stella Maris Rezende ressaltando o imaginário da escrita e das ilustrações: “[...] este livro [...] é um ninho delicado, um barco, um mar, um céu, um voo corajoso, uma viagem de história encantada [...]”.

A cor da capa é de um tom azul escuro, nos levando a imaginar a noite, a visualizar o espaço inicial da narrativa. A capa já nos traz elementos que contribuem na leitura da narrativa que já se inicia com esses elementos. E esse diálogo entre imagem e texto verbal nos faz construir hipóteses de que a não substantivação do título se conecta à menina que está de costas, está numa posição parecida com a do leitor, como se fosse uma tela de cinema e estamos tendo a visão da personagem, somos o espelho por trás dela.

Outra produção dos artistas é A história das crianças que plantaram um rio, cuja obra foi publicada duas vezes com ilustrações diferentes nas capas. A análise da primeira capa foi publicada em 2013 pela editora Supercores, a obra da segunda análise foi publicada em 2022, pela editora Folheando. As duas obras, reafirmando uma característica do estilo de Daniel da Rocha Leite em construir narrativas que têm como pano de fundo ou cena principal, a natureza, bem como a ilustração reforça essa característica dos autores.

A construção da ilustração foi desenvolvida com o estilo de grafite em que aparece a choupana, traços de água e, na contra capa, a personagem marcada apenas pela parte superior da cabeça em que aparece os olhos e o cabelo conduzindo o leitor ao imaginário, pois não deixa claro se a personagem é do sexo feminino ou masculino, portanto não dá a certeza de ser o menino ou a vó em uma demonstração de flashback. Nessa capa, apenas os peixes, dois ao todo, aparecem com tonalidade de colorida gerando a duplicidade de significados, ou seja, a cor pode representar a vida, pode representar que há lembranças e apenas os peixes são reais no tempo atual, ou ainda reforçar a importância da natureza.



Figura 2 - Capa do livro *A história das crianças que plantaram um rio*



Fonte: (LEITE, MACISTE, 2013)

Essa narrativa foi analisada na dissertação de mestrado de Izabel Nascimento. O foco da análise pontuou sobre a imagem e trazemos aqui o estudo realizado em relação à capa:

[...] Quando vemos a primeira capa, visualizamos uma casa de choupana com pernas compridas dentro de um possível rio com peixes pulando e alguns pássaros no céu. Quando abrimos o livro e juntamos as duas capas, obtemos o olhar de um personagem, do menino que, após a leitura da narrativa, sabemos se tratar do narrador ou de um possível leitor. No enquadramento da primeira capa, o leitor infere que temos um foco direcionado ao espaço da narrativa em que supomos existir uma casa, um rio e a natureza. No entanto, quando possuímos o conjunto das capas, o enquadramento se mostra numa dupla interpretação: a primeira capa é o ponto de vista do menino narrador ou o menino faz parte da ilustração e o ponto de vista é do leitor? São possíveis leituras que as capas nos proporcionam. (NASCIMENTO, 2022, p. 66).

Nessa análise de Nascimento, pontuamos a relação colaborativa entre as produções verbal e visual do escritor e do ilustrador. É uma produção em conjunto, em relação, buscando um diálogo não repetitivo, mas colaborativo, linhas de produção de sentidos que se cruzam e se perpassam no ato da leitura. O título nos traz uma ideia de estranhamento, de surpresa: como planta-se um rio? O escritor já coloca um questionamento na leitura do leitor. E a

imagem narrativa continua esse questionamento inserindo outros elementos e possibilitando outras camadas de leituras. É uma junção de texto verbal e visual que promovem a coautoria do leitor, isso acontece tanto na publicação de 2013 quanto na publicação de 2022.

Segundo a teórica Ciça Fittipaldi, (2008), a imagem narrativa amplificará o texto verbal e não tem a intenção de sobressair. Esse é um ponto considerável para refletirmos, pois, a ilustração em um livro ilustrado não tem por objetivo superar ou mostrar-se mais importante que o texto verbal. Há uma colaboração, um enlace de preenchimento em relação aos sentidos produzidos no ato da leitura e coautoria do leitor. Pontuamos que trabalharemos as nomenclaturas imagem, imagem narrativa e ilustração como conceitos que podem ser substituídos nessa análise. O ponto central é o sentido que perpassa por uma linguagem que constrói, colaborativamente com o texto verbal, as várias camadas de leitura da narrativa.

Em 2022, foi lançada nova edição do livro *A história das crianças que plantaram um rio*, nessa nova edição a ilustração da capa reforça a ideia do plantar, aparece apenas uma mão estabelecendo uma ação que transmite ao nosso imaginário a ilusão de que as mãos estivessem jogando (plantando) o rio na terra.

Para a produção da ilustração foi voltada para o estilo de aquarela, em que as imagens não têm a definição bem marcada de formas, sendo propícia para a condução do imaginário em que o leitor construa uma figuração a respeito da ilustração e seja direcionado à curiosidade e aguçada a curiosidade. Além da mão envolta em águas, a capa traz também a imagem de vários peixes coloridos que dão a ideia de estar brincado de saltar na água, além de, na contra capa, haver um garoto sentado em um peixe e segurando sua barbatana, o que lembra muito o ato de andar a cavalo, porém a imagem do menino reforça mais o imaginário, pois retoma a ideia do “devaneio” conceituada por Paes Loureiro, em que “...um devaneio que atua entre o real e o irreal” (LOUREIRO, 2015, p. 95). Novamente a afinidade entre a narrativa, que busca atenuar o imaginário do leitor, e retomado e reforçado pela ilustração almejando um maior encantamento, devaneio, fantasia e encantando a nossa imaginação.

**Figura 3 - Capa do livro *A história das crianças que plantaram um rio***



**Fonte:** (LEITE, MACISTE, 2022)

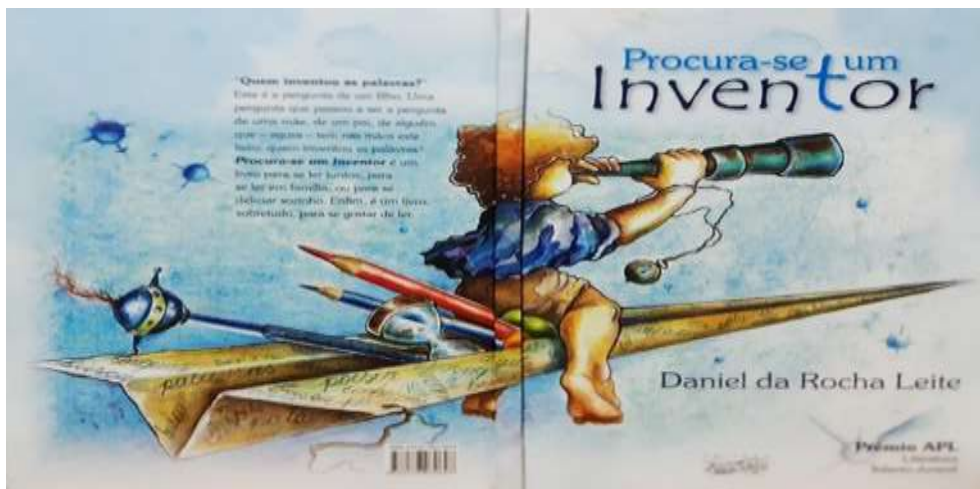
Todos os elementos que compõem a capa, a ilustração, a escrita e o magnetismo do título conduz o leitor a busca do conhecimento da narrativa e assim ele se depara com o encantamento da história de crianças que, como antecede o título, plantaram um rio.

Outra capa que traz essa escrita e imagem em ação colaborativa na produção de Leite e Maciste é em *Procura-se um inventor* (2010) e (2012).

As duas versões nos trazem o mesmo título: *Procura-se um inventor*. Esse título já atíça a curiosidade do leitor na perspectiva de ser esse inventor. O que seria um inventor? Um cientista, um curioso, um observador? Inventor de quê? De palavras, de máquinas, de histórias? São várias as possibilidades que o texto promove apenas com uma chave de leitura, o título. As ilustrações, como nas outras capas, continuam esses questionamentos, essas lacunas para o leitor preencher.

Na versão de 2010, temos um menino descalço em cima de um avião de papel com lápis coloridos, uma ampulheta, uma bússola, um binóculo e várias palavras escritas no avião: poesia, palavras, buscar, descobrir, mãe, poema, conhecimento, casa, sonhos, conquista, esperança, sol e luz. O leitor pode se identificar com a personagem e ser um possível descobridor de palavras, de viagens, de vida, de sonhos. O imaginário está presente nessa construção verbo-visual. Vejam que a ilustração não repete a ideia do título, pelo contrário, há uma ampliação do alcance da leitura, uma potencialização na conjunção das duas linguagens.

Figura 4 - Capa do livro *Procura-se um inventor*



Fonte: (LEITE, MACISTE, 2010)

Figura 5 - Capa do livro *Procura-se um inventor*



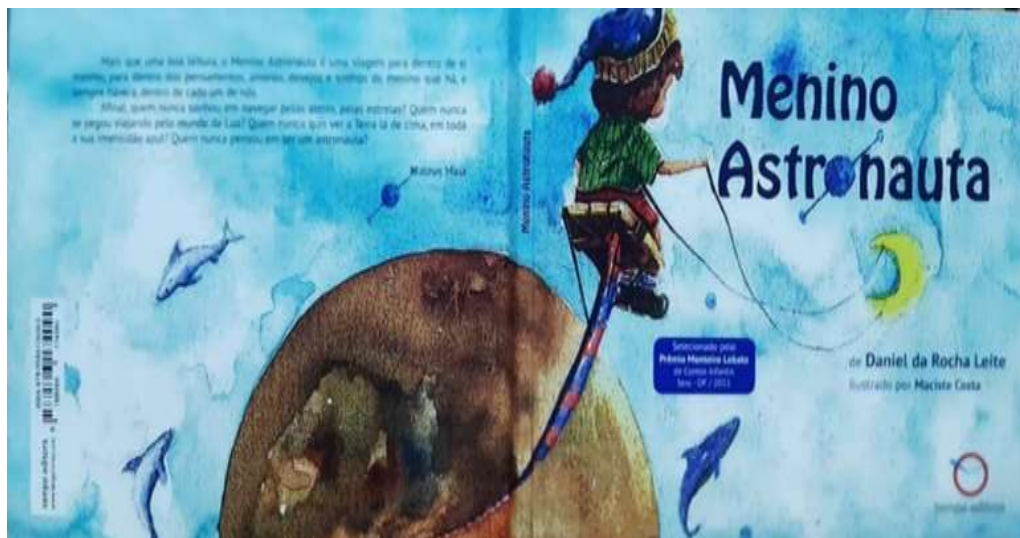
Fonte: (LEITE, MACISTE, 2012)

Na versão de 2012, temos novamente um menino procurando algo com uma luneta, mas agora está em um barco de madeira intitulado “Palavra”. É um espaço que caberiam todas as palavras e que está à procura de mais palavras, de mais histórias. Dentro do barco, alguns elementos que constam na versão de 2010 se repetem: lápis e uma ampulheta. Mas há



novos elementos: livros, uma viola, flores, um pássaro, uma roda e uma vara que parece segurar uma bandeira. Temos dois espaços e dois veículos de transporte. Na primeira capa, temos um avião de papel e o céu como espaço. Na segunda capa, temos um barco de madeira e o mar ou um rio, um espaço a ser desbravado. E todos os elementos que fazem parte da imagem narrativa dialogam com o texto verbal do título. É uma engrenagem que funciona a partir do momento da leitura, da participação do leitor como coautor da narrativa. Essa característica está presente na Literatura infantil e juvenil contemporânea, os espaços literários deixados para o leitor exercer a função de coautoria na construção imaginária.

**Figura 6 - Capa do livro *Menino astronauta***



**Fonte:** (LEITE, MACISTE, 2012)

Essa capa proposta para exemplificar essa relação de coautoria entre escritor, ilustrador e leitor é do livro *Menino astronauta*. O título nos traz uma informação sobre um menino ser ou querer ser um astronauta. O título proporciona nos indagarmos se encontraremos um menino astronauta ou se apenas é um desejo, um sonho, uma brincadeira. Seguindo nessa concepção, Maciste cria um contexto lúdico em que há um menino, mas não está na posição de um astronauta tradicional, ele se encontra num banco-apoio vindo da terra e que parece segurar a lua pelas rédeas, como se a lua o levasse para outros espaços. O menino está num contexto imaginário em que temos a terra, a lua, peixes, astros e um mundo a ser desvendado. São criações que se entrelaçam ao texto verbal e se tornam uma linguagem

híbrida, conforme Odilon Moraes afirma em sua dissertação: “Uma narrativa assentada em dois códigos diferentes. Forma híbrida que, além de constituir um território específico da linguagem, necessitaria também de uma postura diferente do leitor/espectador (2019, p. 23). Ou seja, essa conexão entre as diferentes linguagens exige um leitor mais atento, curioso, questionador e protagonista em sua leitura.

Esse diálogo entre a escrita e a imagem é algo que se constrói em conjunto, em debate, em diálogo e em liberdade. Trouxemos essas exemplificações para demonstrar uma sintaxe de leitura que ocorre entre as duas linguagens, a verbal e a visual. A inter-relação da imagem com a linguagem verbal faz o texto funcionar na tessitura estética do leitor. Como disse Oliveira “Só haverá interesse na ilustração se ela nos possibilitar a criação de um novo texto visual.” E isso acontece com as obras citadas de Daniel da Rocha Leite e Maciste Costa. “Uma das finalidades da ilustração nos livros [...] é favorecer a criação de outra literatura, [...] uma harmonia entre a imaginação verbal e a imaginação visual” (2008, p. 33). E um ponto em comum nessas capas nos leva a identificar o imaginário como elemento constituidor dessas narrativas.

Para um autor antenado com as necessidades do leitor não poderia faltar uma obra que focasse na inclusão. Foi assim que o projeto gráfico atuou na obra *Burburinho*, 2018, em que, diferente das outras obras que a ilustração “casava” com a narrativa, aqui a ilustração da capa, o projeto gráfico e a narrativa fazem uma parceria com o objetivo de incluir a criança cega, e/ou de baixa visão, no mundo da leitura. *Burburinho* é o primeiro livro em que Daniel da Rocha Leite dedica às crianças com deficiência visual, parcial ou total e compõem o projeto gráfico com o braile (é um sistema formado por caracteres em relevo que permitem o entendimento e a leitura por meio do tato), o que amplia o público leitor do escritor Daniel da Rocha Leite.



**Figura 7 – Capa do livro *Burburinho***



**Fonte:** (LEITE, MACISTE, 2018)

Na capa do livro *Burburinho* (2018), a ilustração contempla as mãos, ou seja, há na capa a imagem de uma mão aberta e em cima de cada dedo, há um desenho construído de forma infantil que contempla o sol no dedo mínimo, um vaso de flores no dedo anelar, um pássaro no dedo médio, três pontos de interrogação no dedo indicador e nuvem com chuva no dedo polegar. Na digital de cada dedo foi desenhada, de forma também infantil, caricaturas de rostos sorrindo. Cada desenho contemplado em um dedo estabelece uma conexão com a narrativa e durante a narrativa esses desenhos infantis são reforçados e aparecem mais desenhos. Na contra capa aparecem três dedos (aparentemente indicador, dedo médio e anelar), com expressões “faciais” que demonstram alegria de forma contida, dúvida e reflexão, respectivamente, e acima deles há uma frase em letra cursiva “um é outro e outro é um”.

Nessa obra a conexão de Leite e Costa fica mais evidente, a ilustração e o título se complementam afinal a palavra *burburinho* – ruído produzido por várias pessoas falando ao mesmo tempo – reforça a ideia de todos os dedos estarem comum desenho sobre si, como se cada dedo estivesse pensando ou falando ao mesmo tempo, afinal é por meio deles, que as crianças de baixa visão ou cegas, conseguirão “ouvir” o que diz a narrativa.

Em 2021, a obra lançada foi *Esparadrapo*, narrativa que conta a história de uma menina que descobre ter um bicho carpinteiro, maneira em que o irmão dela a define porque

ela ocupa um espaço em que ele acredita não ser lugar para ela, pois ela adora jogar futebol com o meninos da escola. Essa busca por se auto afirmar faz com que a personagem Beatriz descubra significados de palavras, sentimentos e conhece a si mesma, por meio de amores, sentimentos e decepções que necessitaram de um esparadrapo para cobrir o pequeno ferimento sentimental. Uma história cheia de descobertas de palavras, sentimentos e sensações, cria-se uma nova concepção, e por conseguinte, uma ilustração do bicho carpinteiro.

Na capa, o bicho carpinteiro retratado na narrativa se apresenta em uma imagem totalmente criativa e inusitada fazendo com que o leitor seja atraído pela busca do significado da ilustração, fazendo com que a descoberta se torne objetivo, também do leitor.

**Figura 8 – Capa do livro *Esparadrapo***



**Fonte:** (LEITE, MACISTE, 2021)

O fundo azul da capa e da contracapa, sem que de dicas de onde é o local que o bicho carpinteiro está, traduz para a capa do livro a ideia de sonho, de um mundo paralelo onde esse

bicho carpinteiro da narrativa existe. Na capa a ilustração do bicho carpinteiro aparece com um coração remendado por esparadrapos, mas apesar de remendado, a feição do bicho traz a ideia de satisfação além de corações expostos sobre ele, transmitindo a ideia de estar envolto ao sentimento de amor. Na contracapa além da exposição parcial do bicho carpinteiro há a imagem da menina sentada sob um círculo em que pode dar a ideia de um mundo ou de uma bola, tendo em vista a construção da narrativa.

Os elementos da narrativa e da ilustração se entrelaçam na capa da obra e os elementos inusitados da ilustração faz com que a curiosidade e o imaginário sejam afetados e que assim o leitor seja convidado a conhecer a história.

A importância de pequenos elementos da imagem na construção de significados é ressaltado por Ciça Fittipaldi, em seu texto presente na obra *Com a palavra o ilustrador*, “Toda imagem tem uma história para contar. Essa é a natureza narrativa da imagem. Suas figurações e até mesmo formas abstratas abrem o espaço para o pensamento elaborar, fabular e fantasiar. A menor presença forma num espaço já é capaz de produzir fabulação e, portanto, narração.” (p. 103, 2008), dessa forma notamos que cada elemento, desenho, letra, cor, técnica da construção da ilustração, são importantes para a construção de significação, criatividade, imaginário e curiosidade do leitor. Combinado a ilustração, vem a narrativa em que “Quem escreve é uma testemunha que olha a partir de um determinado ponto de vista e que deixa que esse local, esse lugar do mundo do qual provém, impregne seu modo de olhar” ( ANDRUETTO, 2012, p. 75) observamos que a construção da escrita da narrativa é articulada para uma melhor produção de literatura, ou seja de arte e que “...os modos como os textos são organizados e nosso entendimento dessa organização exercem um efeito profundo de como vemos o mundo.”, (HUNT, 2010, p.134) essa mescla de imagem, narrativa e o leitor faz com que a produção de imaginário efetive conhecimento, encantamento e arte a partir da literatura e aqui demonstrado que por meio das capas dos livros inicia-se uma reflexão acerca de produção de encantamento, convite a leitura e manifestação do maravilhoso, do devaneio, da criatividade e principalmente do imaginoso, e por fim vale ressaltar a mensagem da Marisa Lajolo (2002, p. 15) em que diz “ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum” e os textos verbais e visuais na capa das obras de Daniel da Rocha Leite e de Maciste Costa dão sentido ao mundo presente em cada narrativa e nos leitores que se veem representados nas obras.

## Considerações Finais

Durante a pesquisa relatada aqui ficou claro que a capa é julgada para a aquisição de uma obra de literatura infantil, e no caso da pesquisa ficou evidenciado que as obras dos dois artistas contribuem e muito para a obtenção, tendo em vista a relação de convivência e intimidade nas obras. Aqui pontuamos relevâncias apenas dos livros cujas capas possuem Daniel da Rocha Leite e o ilustrador Maciste Costa atuando em todo o projetos gráficos, propomos, pois, que a benfeitoria realizada nessa pesquisa possa se estender à obras iguais que possuem capas diferentes; obras diferentes com capas do mesmo ilustrador; obras com o mesmo autor, mas ilustradores diferentes; obras com ilustradores e autores diferentes, mas com a mesma temática; ou ainda, uma pesquisa de campo de letramento da ilustração em que não disponibilizasse as capas dos livros e solicitassem que os participantes da pesquisa realizassem a confecção das capas, no intuito de ressaltar aspectos relevantes, opostos, semelhantes, complementares que despertem a atenção do leitor, autor e ilustrador, a respeito das relações existentes entre o texto e a capa das obras.

Sendo assim, observa-se que muito ainda pode se aventurar na pesquisa sobre a relação da imagem e texto na capa dos livros e assim alertar os pontos a serem observados nas capas das obras de literatura infantil ou infantojuvenil.

## Referências

- ANDRUETTO, Maria Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. São Paulo. Pulo do gato, 2012
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papiros, 2002.
- COLOMER, Teresa. **Introdução a Literatura Infantil e Juvenil Atual**. São Paulo. Global,2017.
- HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Trad. de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. São Paulo: Ática, 2002.
- LEITE, Daniel da Rocha. **A história das crianças que plantaram um rio**. Belém, Pronto Press, 2013.

LEITE, Daniel da Rocha. **A história das crianças que plantaram um rio**. Belém, Folheando, 2022.

LEITE, Daniel da Rocha. **A menina árvore**. Belém, Twee Comunicações, 2014.

LEITE, Daniel da Rocha. **Burburinho**. Belém, Twee Editora, 2018.

LEITE, Daniel da Rocha. **Esparadrapo**. Belém, Folheando, 2021.

LEITE, Daniel da Rocha. **Menino Astronauta**. Belém, Twee Editora, 2018.

LEITE, Daniel da Rocha. **Procura-se um inventor**. Belém, Twee Editora, 2010.

LEITE, Daniel da Rocha. **Procura-se um inventor**. Belém, Twee Editora, 2012.

LINDEN, Sophie van der. **Para ler o livro ilustrado**. Trad. De Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica – Uma poética do imaginário**. Manaus, Valer, 2015.

MORAES, Odilon. **Quando a imagem escreve reflexões sobre o livro Ilustrado**. 2019. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

NASCIMENTO, Izabel de Brito Silva. **A história de nós dois e um rio - uma história da gente: narradores e ilustrações em a História das Crianças que Plantaram um Rio**. 2022. 124 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudos Literários), Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2022.

OLIVEIRA, Ieda (org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil?: Com a palavra, o ilustrador**. São Paulo, DCL, 2008.

OLIVEIRA, Rui de, **Pelos jardins Boboli – reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Icone Editora LTDA, 1986.

SALISBURY, Martin; STYLES, Morang. **Livro Infantil ilustrado – a arte da narrativa visual**. São Paulo: Rosari, 2013

SOSA, Jesualdo. **A literatura Infantil**. São Paulo: Cultrix, 1904.